



Notícia de uma edição em curso:

Historia da Guerra dos Tartaros (1657), tradução para português de Diogo Gomes Carneiro do livro *De bello Tartarico historia (1654), de Martino Martini*

Cristina Costa Gomes & Enrique Rodrigues-Moura
Lisboa & Bamberg

Em 1657 saiu dos prelos da Oficina lisboeta de Henrique Valente de Oliveira a *Historia da Guerra dos Tartaros*, uma tradução da pena de Diogo Gomes Carneiro para português da obra do jesuíta italiano Martino Martini,¹ *De bello Tartarico*, impressa em latim pela primeira vez em Antuérpia no ano de 1654.² O português foi a quinta língua europeia para a qual este texto de Martino Martini foi traduzido, depois de terem sido impressas no próprio ano de 1654 as versões inglesa, francesa, alemã e neerlandesa. Por fim em 1665 saíria a versão espanhola.

Um dos interesses da tradução portuguesa é o facto de ser desconhecida, não sendo sequer referenciada no quadro das edições em línguas modernas europeias desta obra de Martino Martini, acontecendo o mesmo com a espanhola, apesar desta última ser mais tardia (cf. Berger 2016: 337-

Cristina Costa Gomes é Investigadora do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Co-Investigadora Responsável do projecto *Res Sinicae*; Enrique Rodrigues-Moura é professor catedrático no *Institut für Romanistik* da Universidade de Bamberg. Este artigo integra-se no âmbito do projecto de investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia intitulado «*Res Sinicae*. Base digital de fontes documentais em latim e em português sobre a China (séculos XVI a XVIII). Levantamento, edição, tradução e estudos» (PTDC/LLT-OUT/31941/2017), do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

¹ A figura de Martino Martini (Trento, 1614–Hangzhou, 1661) é, certamente, muito conhecida (cf. por exemplo Longo 2010, para um resumo informado sobre a sua vida, as suas publicações e o seu legado intelectual).

² No ano de 1654 foram editadas duas edições em latim desta obra, na cidade de Antuérpia, ambas pela Oficina Plantiniana de Balthasar Moretus.

360).³ Uma nova publicação desta tradução portuguesa permitirá estabelecer, pela primeira vez, qual foi a edição latina de Martino Martini utilizada por Diogo Gomes Carneiro em 1657. Se foi a primeira edição, mais curta, a utilizada pelas restantes traduções conhecidas para outras línguas europeias, ou se foi a segunda versão, também do ano de 1654 e igualmente impressa em Antuérpia na mesma casa editora. Esta segunda edição é mais extensa e inclui ajustes ao próprio texto latino feitos pelo autor, assim como novas passagens e um apêndice, baseado este em cartas recebidas pelo jesuíta italiano dos seus colegas missionários que permaneciam na China.

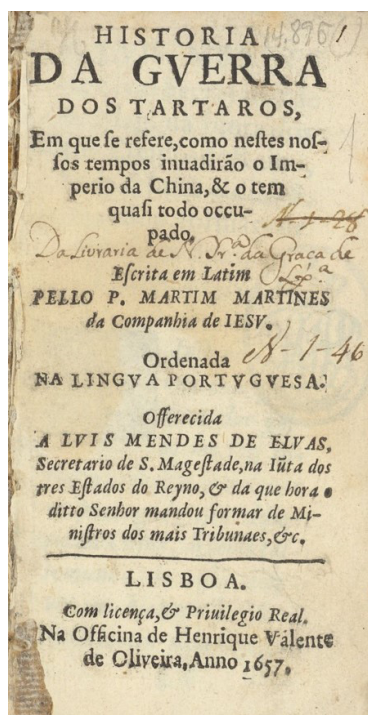


Figura 1: Frontispício da edição portuguesa da obra de Martino Martini, *De bello Tartarico*, traduzida por Diogo Gomes Carneiro e impressa em Lisboa em 1657, três anos após a sua publicação em Antuérpia no ano de 1654. Exemplar da Biblioteca Nacional de Portugal.

³ Berger explica a selecção das edições vernaculares escolhidas para o seu estudo da seguinte forma: «Four translations have been selected for comparison: the Dutch, German, French and English translations» (Berger 2016: 337; cf. também 358).

Uma nova edição da tradução portuguesa permitirá, ainda, perspectivar a sua impressão em 1657 num quadro cultural europeu mais alargado do que aquele que se conhece hoje. A versão portuguesa é a prova de que o país não escapou ao entusiasmo europeu em torno do livro *De bello Tartarico*, um verdadeiro *best-seller* para a época, que marcou uma nova etapa da «sinofilia» e do conhecimento europeu sobre a China (cf. Van Kley 1973: 561-582; Van Kley 1976: 21-43). Esta opção de traduzir para português uma obra de um italiano sobre a China não deixa de ser surpreendente, tendo em conta que à época havia outros textos acessíveis de autores portugueses que versavam a mesma temática. Um dos casos mais recentes tinha sido o do jesuíta Álvaro Semedo, cujo livro *Imperio de la China y cultura evangelica en él* tinha sido publicado em Madrid, em 1642, e que também foi traduzido para várias línguas europeias, sendo a obra mais em voga sobre a China anterior à de Martini (cf. Pina 2015: 90-103; Pina 2018: 99-119). Porém, o livro de Semedo só viria a ser vertido para português em meados do século XX.

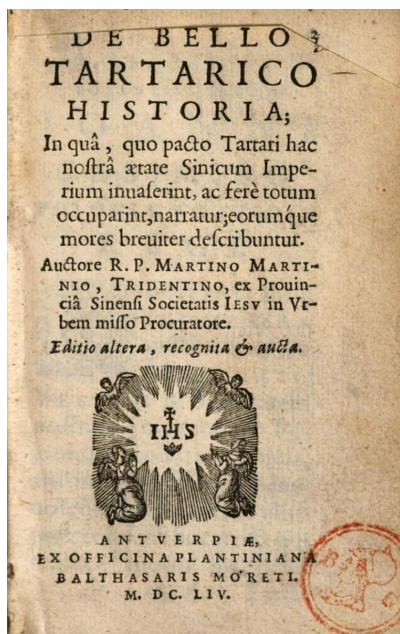


Figura 2: Frontispício da segunda edição latina da obra de Martino Martini, *De bello Tartarico*, impressa em Antuérpia em 1654, nos prelos da conhecida casa impressora Plantin-Moretus.

Havia, ainda, outras narrativas escritas em português disponíveis à época, nomeadamente as de outro jesuíta: António de Gouveia (cf. Gomes 2018: 17-32).⁴ Dos dois grandes textos sobre a história da China que se conhecem deste último autor, a *Asia Extrema* (1644–1650) e a *Monarchia da China* (1654), o primeiro já se encontrava concluído, e podia ter vindo na bagagem de Martini quando este viajou para a Europa em 1651, enquanto Procurador da China, a fim de ser dado à estampa. Escusado será dizer que nenhum destes dois textos foi publicado à época, tendo permanecido longo tempo manuscritos, caso da *Asia Extrema* que só foi editada em quatro volumes, entre 1995 e 2018, por Horácio Araújo (Gouveia 1995; Gouveia 2001; Gouveia 2005; Gouveia 2018), enquanto a *Monarchia da China* continua inédita até aos dias de hoje.⁵

Esta edição *work in progress* que aqui se apresenta poderá abrir também novos horizontes sobre a tradução para português de obras publicadas na Europa sobre a Ásia, especialmente a China, durante o século XVII, incidindo luz sobre os autores e as línguas seleccionadas. Mas, acima de tudo, possibilitará uma abordagem comparativa com outros textos coevos de temas afins, a exemplo dos dois textos já referidos do jesuíta António de Gouveia, que nunca chegaram a ser editados na Europa à época e que incluem apêndices sobre os mesmos acontecimentos que levaram ao estabelecimento da nova dinastia Qing na China. A comparação textual permitirá, ainda, em confronto com outros tipos de documentos, nomeadamente, cartas e cartas ânuas, definir os canais de circulação de informação, de modo a identificar a genealogia dos autores e das fontes a que estes recorreram. Tal estudo será determinante para aferir o verdadeiro peso e influência da obra *De bello Tartarico* de Martino Martini na Europa do seu tempo, e de que forma esta contribuiu para um novo patamar de conhecimento sobre a China. O trabalho em curso de edição da tradução e contextualização histórica e cultural será também relevante para um aprofundamento da biografia e da actividade literária de Diogo Gomes Carneiro (Rio de Janeiro, 1618–Lisboa, 1676), responsável pela tradução de latim para português do livro de Martini. Autor de múltiplas dimensões, com obra própria e traduzida, cultor de vários géneros (desde a poesia à prosa, aqui incluindo a história e um trata-

⁴ Sobre António de Gouveia veja-se o artigo de Cristina Costa Gomes e João Teles e Cunha incluído neste livro e intitulado «O corpus epistolar de António de Gouveia».

⁵ O trabalho de edição deste manuscrito encontra-se em fase de conclusão e será publicado brevemente por Cristina Costa Gomes.

do político) e com domínio de várias línguas (latim, italiano e castelhano), Gomes Carneiro é ainda um dos primeiros autores naturais do Brasil a ter uma obra impressa de sua criação, a *Oração Apodixica aos Scismaticos da Patria* (1641).⁶

A edição da *Historia da Guerra dos Tartaros* permitirá conhecer melhor a faceta de tradutor de Diogo Gomes Carneiro (cf. Machado 1965: 654; Moraes 1969: 83-85; Almeida 2010: 156-157), já que este autor também verteu para português outros dois livros, um escrito em italiano e outro em castelhano, a saber: *Historia do Capvchinho Escocez* (1657), da autoria de Giovanni Battista Rinuccini (Roma, 1592–Fermo, 1653); e *Instrucçam para Bem crer, e bem Obrar, e bem Pedir* (1658), do Padre Juan Eusebio Nieremberg (Madrid, 1595–Madrid, 1658). A análise da tradução da obra de Martini, feita a partir do confronto com a edição que lhe serviu de base, contribuirá para se aferir as suas competências em latim, sabendo nós que Diogo Gomes Carneiro também escreveu poesia nessa língua: um epigrama incluído nas *Memorias Fvnebres Sentidas pellos Ingenhos Portugueses, na morte da senhora D. Maria de Attayde* (1650).

EPITAPHIVM.

Siste viator: adest gelido hoc tumulata sepulchro

Non Amarillis, Honor, non Amarillis, Amor.

Præluçens Aurora, suis sibi sola relucet

Iam Sol ex tenebris: mors ea vita fuit.

Sic vitam mirare, simul venerabere mortem,

Dumque docet moriens viuere; disce mori.

Doctor Didacus Gomes Carneiro.

(Carneiro 1650: 85v.)⁷

⁶ Sobre a questão do primeiro autor brasileiro publicado em Portugal, cf. Rodrigues-Moura 2005: 560-562; 2009: 35. Interessa notar que no frontispício dessa obra, assim como em outros documentos, Gomes Carneiro aparece como «Doutor». A esse respeito, Inocêncio Francisco da Silva diz sobre Gomes Carneiro «que parece ter sido formado em Direito» (Silva 1859: tomo II, 159). Uma pesquisa aprofundada sobre a formação de Diogo Gomes Carneiro é um desiderato.

⁷ O leitor atento da tradução para o português da citada *Historia do Capvchinho Escocez* (1657), de Giovanni Battista Rinuccini, ainda encontrará três composições poéticas assinadas por Diogo Gomes Carneiro e escritas cada em uma língua diferente: português, latim e italiano (cf. Rodrigues-Moura 2005: 561)

EPITÁFIO.

Pára, caminhante: neste túmulo frio está sepultada
Não Amarílis, Beleza, não Amarílis, Amor.
Aurora que precede a luz brilha solitária para os seus
Já o Sol vem das trevas: essa morte foi vida.
Tu Admira assim a vida: ao mesmo tempo há-de venerar a morte,
Enquanto ela, morrendo, ensina a viver; aprende a morrer.

*Doutor Diogo Gomes Carneiro.*⁸

Outro aspecto que poderá ser revelado com a edição em curso, a qual será acompanhada de um estudo sobre a vida de Diogo Gomes Carneiro, é posicionar este autor nos círculos culturais, religiosos e políticos de Portugal pós-Restauração.⁹ Desde já, se perfilam algumas pistas referentes aos universos em que este escritor se movimentava, especialmente a partir das dedicatórias que constam tanto na obra própria, como na traduzida. É possível reconhecer o seu esforço de se congregar com as esferas do poder, bastando mencionar os nomes de Francisco de Lucena, antigo Secretário do Rei D. João IV, na dedicatória da *Oração Apodixica*, e o de Luís Mendes de Elvas, membro do Conselho da Fazenda, do Conselho Ultramarino e da Junta dos Três Estados, para a *Historia da Guerra dos Tartaros*. Apesar de ter errado com a escolha de algumas personalidades a quem dirigiu as suas obras, caso dos dois nomes anteriores, já que o primeiro foi executado publicamente por crime de traição em 1643, e o segundo acabou por ser afastado do poder em 1662, Diogo Gomes Carneiro acabou por ver consagrada a sua carreira ao ser nomeado Cronista-Geral do Brasil.¹⁰ Sabe-se que,

⁸ Agradecemos a tradução de Arnaldo do Espírito Santo.

⁹ O simples elenco de nomes das pessoas que participaram no livro *Memorias Fvnebres Sentidas pellos Ingenhos Portugueses, na morte da senhora D. Maria de Attayde* já diz muito a respeito do prestígio que angariou Diogo Gomes Carneiro na sociedade portuguesa posterior à Restauração: António Vieira, António Barbosa Bacelar, Violante do Céu, Francisco Manuel de Melo, etc.

¹⁰ O único estudo monográfico recente sobre Diogo Gomes Carneiro é a Dissertação de Mestrado de António Jorge Fernandes Duarte do Espírito Santo: *Diogo Gomes Carneiro (1618–1676). Primeiro cronista oficial do Estado do Brasil. Contribuição para o estudo da sua vida e obra* (1988). Em 1655, a requerimento dos procuradores do Estado do Brasil e seguindo o exemplo do Estado da Índia, criou-se o cargo de Cronista-Geral do Brasil, sendo Gomes Carneiro recomendado para o posto. A nomeação ocorreu, finalmente, a 8 de Maio de 1658, com assinatura da rainha D. Luísa de Gusmão, mas a provisão definitiva só teve lugar a 1 de Junho de 1661. Por carta régida de 8 de Junho de 1663, foi determinado que os ordenados fossem pagos, conjuntamente, pelas Câmaras de Salvador da Baía, Pernambuco e Rio de Janeiro. No entanto, os atrasos nos pagamentos prolongaram-se durante anos (Santo 1988: 70-93; cf. também Marques 2014: 33,

por ordem do Conselho Ultramarino, compôs uma *História do Brasil*, a qual foi apreciada pelos Conselheiros a 22 de Novembro de 1672, considerando estar esta em estado avançado de redacção e tendo-lhe sido estabelecido um prazo de três anos para concluir e imprimir o primeiro tomo. Tal data cairia em 1675, mas não se conhece qualquer edição desta obra nem se sabe o paradeiro actual deste manuscrito (cf. Almeida: 157; Santo 1988: 70-93).

Interessante será, também, esclarecer a proximidade de Diogo Gomes Carneiro à Companhia de Jesus, já que dois dos autores por ele traduzidos eram jesuítas: o italiano Martino Martini e o espanhol Juan Eusebio Nieremberg. Uma das provas da sua estreita ligação à Companhia reside no facto de ter sido sepultado no lisboeta Colégio de Santo Antão em 1676. Um outro pormenor é a sua edição do livro de Nieremberg, a segunda que se conhece para o século XVII no espaço de duas décadas, já que a primeira data de 1647 e a terceira foi impressa em 1665 (cf. Arouca 2005: 232).

Por último, esta edição contribuirá para aumentar o nosso conhecimento sobre uma oficina impressora activa em Lisboa no terceiro quartel de Seiscentos (1649–1675), que julgamos merecer uma análise detalhada. Referimo-nos à casa de Henrique Valente de Oliveira, à qual Gomes Carneiro estava estreitamente ligado, pois as suas três traduções saíram todas dos prelos desta oficina impressora. Valente de Oliveira era impressor régio (cf. Deslandes 1988: 236-237) com conexões interessantes tanto com a Companhia de Jesus como com a História, especialmente a ligada ao império português, em particular ao Brasil, a terra de origem de Diogo Gomes Carneiro. Assim, Valente de Oliveira imprimiu não só a *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil* (1663), de autoria do Padre Simão de Vasconcelos, S.J., como também um sermão pregado por este jesuíta na Baía em 1659 e publicado em Lisboa em 1663. Assim, a edição desta tradução do livro de Martino Martini permitirá fazer uma incursão na história editorial desta casa impressora, que reputamos interessante dada a variedade dos títulos publicados por este livreiro-impressor e a sua proximidade ao poder. Foi impressor régio e publicou o *Mercurio Portuguez* (1663–1667), considerado como o primeiro periódico político português (cf. Dias 2010), mas isso não lhe evitou ter problemas com a Inquisição. Efectivamente, foi-lhe movido um processo em 1655 por ter publicado livros¹¹ sem licença do Santo Officio,

nota 85; para uma transcrição da documentação burocrática, cf. o anexo documental de Santo 1988; e também Silva 1856).

¹¹ A obra em questão era a *Relação da viagem, que fez ao Estado do Brazil a Armada da Cõpanhia*,

o que o levou a uma passagem pelos cárceres inquisitoriais em 1657, dos quais se libertou mediante um auto-de-fé privado em Novembro desse ano, sendo-lhe suspensa a actividade editorial por seis meses.¹² Não deixa de ser curioso que a tradução do livro de Martino Martini apareceu justamente em 1657, quando o impressor-livreiro estava a braços com o Santo Ofício e a sua ocupação se encontrava vigiada e, provavelmente, suspensa.

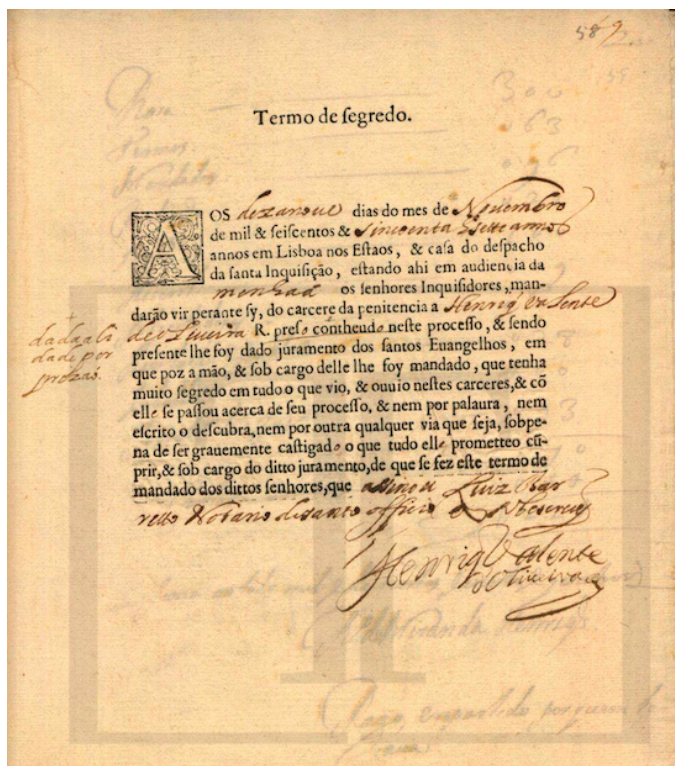


Figura 3: «Termo de Segredo» do processo de Henrique Valente de Oliveira, datado de 19 de Novembro de 1657, onde está a sua assinatura autógrafa. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, processo 10646, fl. 115.

anno 1655. / A cargo do General Francisco de Britto Freyre; Impressa por mandado del Rey N. S.
¹² Cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo n.º 10.646. A proibição foi-lhe levantada em Janeiro de 1658, tendo sido aplicada efectivamente por menos de três meses.

A nova edição de a *Historia da Guerra dos Tartaros*, com um estudo contextualizado a respeito do seu autor, tradutor, impressor, bem como a análise da obra em si, será relevante para se responder às questões que fomos colocando ao longo deste texto, bem como para caracterizar a circulação na Europa de informações sobre a Ásia e a sua recepção em Portugal.

Referências

- Almeida, Palmira Morais Rocha de. *Dicionário de Autores no Brasil Colonial*, 2.^a ed. revista e ampliada. Lisboa: Edições Colibri, 2010.
- Arouca, João Frederico de Gusmão C. *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Século XVII*. Vol. III, *Letras M-R*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2005.
- Berger, Katrien. «Martino Martini's *De Bello Tartarico*: A Comparative Study of the Latin Text and its Translations». Em: Paternicò, Luisa M. *et alii* (ed.). *Martino Martini. Man of Dialogue*. Trento: Università degli Studi di Trento, 2016, 337-360.
- Carneiro, Diogo Gomes. «Epitaphivm». Em: *Memorias fynebres. sentidas pellos ingenhos portugueses, na morte da Senhora Dona Maria de Attayde*. Offerecidas a Senhora Dona Luiza Maria de Faro Condessa de Penagiam. Lisboa: na Officina Craesbekiana, 1650, 85v.
- Deslandes, Venâncio. *Documentos para a História da tipografia portuguesa no século XVI e XVII*. Reprodução em fac-símile do exemplar com data de 1888 da Biblioteca da INCM. Anselmo, Artur (introdução). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.
- Dias, Eurico Gomes. *Olhares sobre o Mercúrio Português (1663–1667)*, 2 vol. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.
- Gomes, Cristina Costa. «Writing on Chinese History: António de Gouveia and the *Monarchia da China* (1654)» Em: *Orientis Aura, Macau Perspectives in Religious Studies*, n.º 3, 2018, 17-32.

- Gouveia, António de. *Asia Extrema*, vol. I. Araújo, Horácio P. (ed., intr. e notas). Lisboa: Fundação Oriente, 1995.
- Gouveia, António de. *Asia Extrema*, vol. II. Araújo, Horácio P. (ed., intr. e notas). Lisboa: Fundação Oriente, 2001.
- Gouveia, António de. *Asia Extrema*, vol. III. Araújo, Horácio P. (ed., intr. e notas). Lisboa: Fundação Oriente, 1995.
- Gouveia, António de. *Asia Extrema*, vol. IV. Araújo, Horácio P. (ed., intr. e notas). Lisboa: Fundação Oriente, 2018.
- Longo, Giuseppe O. *Il gesuita che disegnò la Cina. La vita e le opere di Martino Martini*. Mailand: Springer, 2010.
- Machado, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana*, vol. I. Coimbra: Atlântida Editora, 1965 (ed. fac-similar da 1.ª ed. de 1741)
- Marques, Guida. «Do índio gentio ao gentio bárbaro: usos e deslizes da guerra justa na Bahia setecentista». Em: *Revista de História*, n.º 171, 2014, 15-48.
- Martini, Martino. *De bello Tartarico historia; In qua, quo pacto Tartari hac nostra aetate Sinicum Imperium inuaserint, ac fere totum occuparint, narratur; eorumque mores breuiter describuntur. Auctore R. P. Martino Martinio, Tridentino, ex Prouincia Sinensi Societatis IESV in Urbem misso Procuratore*. Antverpiae: Ex Officina Plantiniana Balthasar Moreti, 1654.
- Martini, Martino. *De bello Tartarico historia; In qua, quo pacto Tartari hac nostra aetate Sinicum Imperium inuaserint, ac fere totum occuparint, narratur; eorumque mores breuiter describuntur. Auctore R. P. Martino Martinio, Tridentino, ex Prouincia Sinensi Societatis IESV in Urbem misso Procuratore. Editio altera, recognita et aucta*. Antverpiae: Ex Officina Plantiniana Balthasar Moreti, 1654.

Martini, Martino. *Bellum Tartaricum, or The conquest of The Great and most renowned Empire of China, by the invasion of the Tartars, who in these last seven years, have wholly subdued that vast empire. Together with a Map of the Provinces, and chief Cities of the Countries, for the better understanding of the Story. / Written originally in Latine by Martin Martinius, present in the country at most of the passages herein related, and now faithfully translated into English.* London: Printed for John Crook, 1654.

Martini, Martino. *Histoire de la guerre des Tartares contre la Chine. Contenant les Revolutions estranges qui sont arriuées dans ce grand Royaume, depuis quarante ans: Traduite du Latin du P. MARTINI, de la Compagnie de IESVS, enuoyé de la Chine à Rome em qualité de Procureur de la Prouince de la Chine.* Paris: chez Iean Henavlt, 1654.

Martini, Martino. *Histori von dem Tartarischen Kriege/ in welcher erzehlt wird/ Wie die Tartaren zu Unserer zeit in das grosse Reich Sina eingefallen sind/ und dasselbe fast gantz unter sich gebracht haben: samt deroselben Sitten und weise türklich beschriben.* Amsterdam: Iohan Blaeu, 1654.

Martini, Martino. *Historische Beschreibung des Tartarischen Kriegs in Sina, München. In welcher Was massen zu vnsern zeiten das Sinische Keyserthum von den Tartarn angefallen / vnd ben nahe ganz erobert worden / türklich erzehlet; Wie auch dero Sitten grundlich beschriben werden.* München: Lucas Straub, 1654.

Martini, Martino. *Historie Van den Tartarschen Oorloch, In dewelcke wert verhaelt, hoe de Tartaren in dese onse eew in ' t Sineesche Rijck sijn gevallen, ende het selve gelijk geheel hebben verovert, mitsgaders hare manieren in ' t kort werden beschreven. Door den Heer Martinus Martinii. Ende nu vvt het Latijn over-geset, in onse Nederduytsche Tael.* Delft: by Iacob Iacobsz Pool, 1654.

Martini, Martino. Diogo Gomes Carneiro (tr.). *Historia Da Gverra Dos Tartaros, em que se refere como n'estes nossos tempos invadiram o Imperio da China, e o tem quasi todo occupado, escripta em latin pelo Padre Martim Martines, da Companhia de Jesus.* Lisboa: Valente de Oliveira, 1657.

- Martini, Martino. Esteuan de Aguilar y Zuñiga (tr.). *Tartaros en China, Historia que escrivio en latin el R.P. Martin Martinio, de la Compañía de IESVS. Y en español El doctor Esteuan de Aguilar y Zuñiga*. En Madrid: por Joseph Fernandez, 1665.
- Memorias fvnebres. sentidas pellos ingenhos portugueses, na morte da Senhora Dona Maria de Attayde*. Offerecidas a Senhora Dona Luiza Maria de Faro Condessa de Penagviam. Lisboa: na Officina Craesbekiana, 1650.
- Moraes, Rubens Borba de. *Bibliografia brasileira do período colonial*. Catálogo comentado das obras dos autores nascidos no Brasil e publicadas antes de 1808. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1969
- Pina, Isabel Murta. «The European Circulation of Álvaro Semedo». Em: Barreto, Luís Filipe / Wu, Zhilian (eds.). *China-Macau and Globalizations: Past and Present*. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau / Macao Foundation, 2017, 90-103.
- Pina, Isabel Murta. «Escrever sobre a China no século XVII. Álvaro Semedo e a obra *Imperio de la China*». Em: Morais, Carlos et. alii. (eds.). *Diálogos interculturais Portugal-China*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2018, 99-119.
- Rodrigues-Moura, Enrique. «Manoel Botelho de Oliveira, autor del impreso *Hay amigo para amigo*. Comedia famosa y nueva, Coimbra, Oficina de Tomé Carvalho, 1663». Em: *Revista Iberoamericana*, vol. LXXI, n.º 211, 2005, 555-573.
- Rodrigues-Moura, Enrique. «Manoel Botelho de Oliveira em Coimbra. A comédia *Hay amigo para amigo* (1663)». Em: *Navegações. Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 2, n.º 1, 2009, 31-38.

Santo, António Jorge Fernandes Duarte do Espírito. *Diogo Gomes Carneiro (1618–1676). Primeiro cronista oficial do Estado do Brasil. Contribuição para o estudo da sua vida e obra*. Dissertação de Mestrado em História Moderna de Portugal, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1988.

Silva, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859.

Silva, José Justino de Andrade. *Collecção Chronologica da Legislação Portugueza compilada e annotada*, segunda série 1657–1674. Lisboa: Imprensa de F. X. de Souza, 1856.

Van Kley, Edwin J. «News from China: Seventeenth-Century European Notices of the Manchu Conquest». Em: *The Journal of Modern History*, n.º 45.4, 1973, 561-582.

Van Kley, Edwin J. «An Alternative Muse: The Manchu Conquest of China in the Literature of the Seventeenth-Century Northern Europe». Em: *European Studies Review*, VI, 1976: 21-43.